

## A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS E UMA NOVA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO E EMANCIPAÇÃO DO HUMANO

### HABERMAS'S THEORY OF COMMUNICATIVE ACTION AND A NEW PROPOSAL HUMAN DEVELOPMENT AND EMANCIPATION

Regina Célia do Prado FIEDLER<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivos situar historicamente a importância da teoria de Habermas para o pensamento filosófico contemporâneo, esclarecendo, a partir de então, os aspectos conceituais de desenvolvimento comunicativo de sociedade e indivíduo que são importantes para compreender as premissas sobre o processo comunicativo, sobre o desenvolvimento moral e sobre a emancipação destas duas esferas. O processo metodológico, neste trabalho, envolve pesquisa bibliográfica da obra de Habermas e seus leitores e estudiosos brasileiros: Freitag, Rouanet e Siebenechler. Dentro desta perspectiva serão elucidados os conceitos principais da teoria habermasiana para a compreensão da Teoria do Desenvolvimento Moral e da Ação Comunicativa, a saber: o novo paradigma de compreensão do universo social, que divide o sistema social em Mundo Vital e Mundo Sistemico, compreendendo que no mundo vital há o desenvolvimento do agir comunicativo e no mundo sistemico há o desenvolvimento do mundo instrumental e estratégico. O trabalho traz ainda a noção de uma Identidade do Eu, construída a partir de um desenvolvimento comunicacional que, por sua vez, segue com a tradição desenvolvimentista de Piaget, mas também influenciada pela visão materialista dialética, construindo três estágios básicos do desenvolvimento do agir comunicativo: o nível pré-convencional, o nível convencional e o nível pós-convencional. Desta forma, apresenta uma nova possibilidade para a análise dos processos de desenvolvimentos, tanto do fenômeno humano como do fenômeno social, caracterizando sua teoria como uma teoria psicossocial.

**Palavras chave:** Psicologia Social; Psicologia do desenvolvimento; Teoria da ação comunicativa.

**Abstract:** This paper aims to give a historical overview about the importance of Habermas's theory for the contemporary philosophical thought. It intends to clarify the concepts of the communicative development of both the society and the individual. These concepts are important since they help understand the premises behind the communicative process, the moral development and their emancipation. The methodological approach of this study involves bibliographic research of Habermas's work and the work of some of his followers, such as

1- Doutoranda em Psicologia Social na PUC/SP; Professora de Psicologia Social e Psicologia Institucional e Comunitária da Universidade Guarulhos.

Freitag, Rouanet and Siebenechler. In order to better understand the Moral Development Theory and the Communicative Action Theory, it is important to understand the new social paradigm that divides the social system into life world and system world. The first is related to the development of the communicative action and the latter is related to the development of the instrumental and strategic world. Moreover, this paper will note down the concept of Identity of the self elaborated on the basis of a communicative development which agrees with Piaget's view and was influenced by a materialistic dialectic view. This concept builds the three basic levels of the communicative action development: the pre-conventional, the conventional and the post conventional levels. In this paper we underline and defend an alternative way to analyze the processes of both human and social phenomena developments and consider Habermas's theory a psychosocial theory.

**Keywords:** Social Psychology; Psychology of the development; Theory of Communicative action.

## INTRODUÇÃO

A teoria que ora apresento ao leitor, estudante da vida, seja qual for sua esfera, traz uma nova visão de homem, de relação social e de desenvolvimento e aprendizagem. A partir da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, pode-se desenvolver uma nova possibilidade de transformação social que, para o autor, deverá vir da construção de novos discursos sobre os conceitos conservadores, advindos da ciência positivista - que via no progresso e na ciência uma revolução permanente - e da ciência dialética de Marx - que via na revolução do proletário a possibilidade de transformação social. Pensa-se, a partir de Habermas, uma revolução microscópica, uma revolução que leva em conta a maior perda do indivíduo na sociedade capitalista nestes últimos 200 anos de evolução: uma revolução na capacidade de as pessoas comunicarem-se, dialogarem e construir seus valores de forma a serem respeitadas sua condição de alteridade e de possibilidade de re-significação da realidade social.

Todo pensamento de Habermas estrutura-se a partir das teorias críticas da racionalidade no mundo moderno, principalmente da Teoria Críticas da Sociedade

de Adorno e Horkheimer na qual a racionalidade é condenada a um processo irreversível de perda de sentido e também de perda da liberdade para pensar e agir, o que denotaria total falta de liberdade cultural. A morte da racionalidade livre está relacionada, em Habermas, à grande limitação dos espaços comunicativos que as sociedades modernas desenvolveram, nas quais se privilegiou a tática - o agir estratégico e instrumental - em detrimento do espaço dialógico.

Um dos objetivos da teoria de Habermas é romper com a filosofia da "conceitualização pura", trazendo-a para o campo da "pesquisa pragmática" da atividade cotidiana comunicativa. Desta forma, pretendo situar historicamente a importância da teoria de Habermas para o pensamento filosófico contemporâneo e objetivar, a partir daí, aspectos conceituais de desenvolvimento comunicativo de sociedade e indivíduo que são importantes para compreender as premissas sobre o processo comunicativo, sobre desenvolvimento moral e sobre emancipação dessas duas esferas.

Para Habermas essa modernidade, que para Adorno e Horkheimer era vista como

o caos da razão, seria como um momento de diferenciação das esferas de valor, na qual a busca da verdade filosófica só poderia ser revelada a partir de discussões consensuais sobre a vida pragmática e sobre a filosofia. Para ele a chegada da modernidade liberta o homem para discutir as validades de três mundos: o Mundo da Ciência - onde a verdade é factual; o Mundo da Moral - ligado às regras e as normas sociais (próprias de cada grupo social) e o Mundo da Artes - associado ao mundo subjetivo dos sentimentos, das emoções e das percepções estéticas.

Para Habermas é só por meio dessas diferenciações que pode surgir uma razão com pretensões de validade alternadas de acordo com as especialidades de cada esfera, dando aos indivíduos, capazes agora de relativizar "verdades", o poder de assumir sua posição diante do que considera "verdade", dentro de um contexto de discussão dialógica de sua produção de sentido comum.

Portanto, Habermas considera que a sociedade moderna conquistou um nível de evolução tamanha, que o homem pôde afastar-se desta sociedade para discutir as verdades produzidas por esses "três mundos", a partir da razão comunicativa. Rouanet (1987) afirma que a racionalidade comunicativa, em que Habermas se debruçou, alimenta os atuais movimentos sociais, expressão coletiva da insatisfação dos povos com as políticas estratégicas do sistema político-econômico dos países, tanto do primeiro mundo como os de terceiro mundo.

A posição assumida por Habermas, quando elabora sua teoria, não é somente defender o racionalismo, isto é, não é só livrar-nos do caos da irracionalidade. Ao elaborar sua teoria, deixa claro que pretende desenvolver uma teoria capaz de transformar a filosofia em crítica esclarecedora e em práxis emancipatória transparecendo, nesta idéia, uma influência do materialismo histórico de Marx.

Essa influência de Marx em Habermas começa a transparecer em meados de 1950 e resultará no trabalho "Teoria e Práxis" publicado em 1963. Segundo Siebeneichler (1989), o que aproximou Habermas de Marx é a concepção crítica de realidade que não se contentou em lamentar as patologias existentes na sociedade, mas buscou uma razão esclarecedora, um interesse coletivo, uma forma de vida dialógica e coletiva.

Mas Habermas distanciou-se da filosofia de Marx quando constatou, anos depois, que o desenvolvimento do capitalismo nas sociedades atuais já não tinha claramente definidas as classes opressoras e reprimidas, pois o ideal revolucionário já havia perdido força, assim como toda consciência coletiva de poder de transformação (ou emancipação). No campo das ciências, Habermas também não se satisfez com a ortodoxia em que eram encarados os conceitos e as ciências, que se mostravam hipotéticos e falibilistas. Aqui cito Habermas (1983, p. 13-14):

*"Enquanto Marx localizou os processos de aprendizagem evolutivamente relevantes (na medida em que se encaminham as ondas de desenvolvimento das épocas) na dimensão do pensamento objetivamente, do saber técnico e organizativo, do agir instrumental e estratégico - em suma, das forças produtivas - emergiram nesse meio tempo boas razões para justificar a hipótese de que, também a dimensão da convicção moral, do saber prático, do agir comunicativo e da regulamentação consensual dos conflitos de ação, tem lugar processos de aprendizagem que se traduzem em formas cada vez mais maduras de integração social, em novas relações de produção, que são as únicas a tornar possível, por sua vez, o emprego de novas forças produtivas"*

Desta maneira, torna-se fundamental elucidar como se caracterizam sociedade e indivíduo nesta ética emancipatória.

Para Habermas há duas dimensões da sociedade que se interpelam: o Mundo da Vida, onde o processo comunicativo se dá, onde relações intersubjetivas se organizam intuitivamente, onde ocorrem as problematizações e discussões práticas que podem ou não levar às discussões de valores morais; e o Mundo do Sistema, que se caracteriza pela organização estratégica econômica e política, onde impera a não linguagem, a não discussão, ou seja, é a macroestrutura na qual se organizam as formas de produção do capitalismo mecânico e instrumental que comanda, mais ou menos, o mundo simbólico da vida.

É interessante notar que as relações que o indivíduo estabelece com essas duas dimensões sociais são dialéticas: ao mesmo tempo em que se relaciona no mundo prático da vida se relaciona com a ideologia do sistema.

Para clarificar o conceito do Mundo da Vida, Siebeneichler (1989) ressalta os seus componentes estruturais em três esferas: *cultura* - que armazena o saber e o conhecimento adquiridos por gerações, nas quais os indivíduos buscam base para suas discussões e interpretações; *sociedade* - que institui normas legitimadas, onde os indivíduos relacionais regulam sua presença em determinados grupos em que se legitimam suas próprias convicções (as noções de convivência e de solidariedade advêm da relação com esta esfera) e *personalidade* - que sintetiza a cultura e a sociedade em que se insere, através da linguagem e através de processos comunicativos voltados para o entendimento.

Deste modo, a práxis comunicativa se dá nestes espaços cultural, social e individual, nos quais seus intérpretes buscam reconhecer-se como identidades únicas e, ao

mesmo tempo como uma identidade comunitária, comunicacional, relacional.

É na análise deste mundo vital que Habermas encontra a saída para a razão, para a moral, pois podendo analisar, discutir, problematizar o mundo da vida é que os indivíduos poderão se "descolonizar" do sistema. A análise que Freitag (1990, p.62) faz nesta questão é que a capacidade argumentativa dada a todos os "atores" é que poderá "assegurar a organização e sobrevivência das modernas sociedades de massa".

Segundo Habermas (1990, p. 278-279):

*"Enquanto falante e ouvinte se entendem frontalmente acerca de algo num mundo, eles movem-se dentro de horizontes do seu mundo de vida comum (...) A situação do discurso é holístico (...) o excerto de um mundo de vida que tanto constitui o contexto como fornece os recursos para o processo de compreensão. O mundo de vida forma um horizonte e ao mesmo tempo oferece uma quantidade de evidências culturais das quais os participantes no ato de comunicar, nos seus esforços de interpretações retiram padrões de interpretações consentidas".*

Desta forma, o conceito de mundo de vida é parte integrante do conceito de agir comunicativo, pois só há ação lingüística num mundo vital. Da mesma forma que conceito de sistema coexiste ao agir instrumental, isto é, um "mundo" orientado sob orientação sistêmica.

No conceito dialético de sistema, transparece uma característica de progressivo desgaste entre mundo da vida e sistema, onde ora as estruturas sistêmicas começam a organizar também o mundo da vida, ora o mundo da vida se manifesta contra o sistema instrumental de coação social.

A partir desse novo paradigma social, Habermas formula o que chamará, influenciado pela Teoria de Austin e Apel, de "Comunidade de Fala", em que indivíduos capazes de falar e de agir se comunicam com um objetivo de entendimento intersubjetivo e são capazes de se emancipar individual e socialmente.

### **UMA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO MORAL E COMUNICATIVO**

Elaborado seguindo a lógica do estruturalismo genético e influenciado por Piaget e Kohlberg, Habermas propõe uma reconstituição de modelos racionais de desenvolvimento moral e cognitivo que se dá tanto na esfera individual quanto se pode notar no desenvolvimento das sociedades. Esse desenvolvimento se dá no sentido egocêntrico para uma interação universal e reflexiva, que poderá originar uma moral pós-convencional, moral esta que parece um posicionamento utópico do autor, já que o mesmo afirma que nenhuma sociedade alcançou tal estágio.

Habermas organizou sua teoria em estágios, defendendo, entretanto, o "status" de categorias abstratas "indicativas daqueles estágios de desenvolvimento cognitivo e moral, dentro das quais (...) eles (*indivíduos*) estabelecem os espaços de possibilidade para as relações sociais, consistindo naquelas inovações que se tornam possíveis por meio de passos de aprendizados, reconstituíveis mediante a lógica do desenvolvimento, e que institucionalizam um respectivo novo nível de aprendizado da sociedade" (Habermas, 1975, p. 168 e 185 *apud* Domingues, 1999, p.121).

Para abarcar uma boa gama de características dos três níveis de desenvolvimento moral, de interação e de evolução comunicacional que Habermas formulou, utilizarei a tabela de Kohlberg (Kohlberg *apud* Habermas, 1983, p.60,61) e as tabelas do próprio Habermas (Habermas, 1989: 191, 200 - 202).

### **NÍVEL PRÉ-CONVENCIONAL**

Em função de seu egocentrismo, a criança desta etapa é capaz de perceber regras culturais e noções de justiça simples (certo ou errado, bom ou mau), por meio de aprendizados por conseqüências físicas ou hedonistas, nos quais a figura de reciprocidade lingüística representa autoridade e poder. Divide-se em dois estágios:

"*Estágio 1*" - Orientação por punição e obediência - Caracteriza-se pelo aprendizado por meio das conseqüências físicas do ato e não significa entendimento do valor moral da sanção ou recompensa. Habermas nomeia este estágio como interação governada por autoridade.

"*Estágio 2*" - Orientação instrumental relativista - A ação justa caracteriza-se em realizar algo que satisfaça seus próprios carecimentos ou o carecimento do outro, quando este tiver alguma utilidade para si. Habermas situa esta fase como a fase da cooperação voltada para o interesse, isto é, a interação cooperativa comunicativa está ligada aos interesses individuais e não aos interesses do grupo maior.

### **NÍVEL CONVENCIONAL**

Mais descentrado de si e de suas razões egocêntricas, o indivíduo agora absorve os valores culturais mais sofisticados, desenvolvendo um caráter de "lealdade" e apoio a essas regras morais da sociedade, que se sobrepõem agora às expectativas particulares do indivíduo. Nesta etapa, o indivíduo age seguindo normas sociais com intuito de se identificar com o grupo ao qual pertence e, ao mesmo tempo, busca definir-se como uma identidade única, inserida num contexto social pré-determinado. Desenvolve-se em dois estágios:



"*Estágio 3*" - A concordância interpessoal ou a orientação "bom moço - moça bem comportada" - Nomeado por Habermas como a fase do agir em papéis, em que o arbítrio do indivíduo é orientado pela regra social. Neste estágio, o indivíduo é dirigido pelo comportamento da aprovação da maioria; realizar "boas ações" corresponde ao estereótipo social do "bom e simpático". Os papéis são experimentados seguindo uma resposta de comportamento esperado de determinado papel.

"*Estágio 4*" - Orientação "lei e ordem" - Há expectativa de agir conforme a autoridade e ordem social. Habermas designa que a interação que impera neste nível é guiada por normas interiorizadas da vontade coletiva, do que já foi legitimado socialmente, sendo que este "tipo puro de agir orientado por regras" dá origem ao "entendimento mútuo" (Habermas, 1989, p.193).

A importância do nível convencional é imensa, nela ocorrem as aquisições de papéis comunicacionais, processo este iniciado no período pré-convencional com a diferenciação primeira do "eu-tu". Neste período, a criança aprende a dominar a sua linguagem, que simboliza todo seu universo cultural e social, busca seguir as regras, as normas; é um momento de internalização de valores à medida que o agir governado por interesse (estágio 2) é substituído, paulatinamente, por agir regulado por normas, em agir estratégico, pois num grupo que segue um padrão social estabelecido do qual se conhecem as regras, é possível organizar estratégias de ação coletiva. Segundo Habermas (1989, p. 192):

*"Com a construção de um mundo social de relações interpessoais reguladas legitimamente, forma-se uma atitude de conformidade às normas e uma correspondente*

*perspectiva, que complementam as atitudes básicas e perspectivas do mundo associadas ao mundo interno e externo."*

Esta relação, com atitudes motivadas por mundo externo e interno, revela uma motivação para a relação que oscila entre o "dever" de seguir as regras sociais e a inclinação para realizar algo criativamente ou fora dos padrões de comportamentos esperados, dentro do contexto de interação.

### **NÍVEL PÓS-CONVENCIONAL, AUTÔNOMO OU FUNDADO EM PRINCÍPIOS**

Neste nível, há o esforço de descentralização total das regras morais impostas pela sociedade. Este esforço segue com o desenvolvimento do indivíduo, desde o nível pré-convencional, no qual a relação é simbiótica, depois se descentraliza para uma relação dual, onde há a percepção do outro; até o período convencional no qual o indivíduo se compreende potente de fala interativa, já que internalizou os princípios básicos de interação. No período pós-convencional, o indivíduo busca agora uma autonomia em relação aos princípios morais a fim de fundamentar outras normas ou as próprias normas dos conceitos morais, podendo agora serem analisados com afastamento da realidade. Este processo de diferenciação comunicacional constitui-se em discurso. Este nível compreende dois estágios:

"*Estágio 5*" - A orientação legalista social contratual - Refere-se à realização do discurso orientado em análises de princípios gerais de direito e justiça, nos quais as sociedades, bem como os indivíduos, procuram examinar criticamente a sociedade e suas regras, instituindo, simultaneamente, "leis gerais democráticas" (as constituições,

por exemplo) obtidas consensualmente, ao mesmo tempo buscam relativizá-las em função de valores e opiniões pessoais autônomas. Este ponto de oscilação motivacional entre autonomia e heteronomia caracteriza uma evolução fundamental no raciocínio humano e humanitário, pois se concretiza com a formação da solidariedade entre pares, comunitária e socialmente, pela busca do agir sob entendimento mútuo.

"Estágio 6" - A orientação no sentido de princípios éticos universais - O que é moral e justo é definido pela consciência guiada por princípios éticos autonomamente construídos, tornando o discurso mais abstrato, à medida que mais distante dos acontecimentos factuais da vida prática, e mais éticos, à medida que é construído pela compreensão lógica, pela universalidade e "pela consciência". Os princípios de justiça, de reciprocidade e de igualdade são definidos e revelados por meio de um discurso dialético de "busca cooperativa da verdade".

Como podemos ver, as características do agir comunicativo desenvolvem-se simultaneamente com a evolução das relações para a construção moral do indivíduo e da sociedade. Desta forma, a interação comunicacional que ocorria, no período pré-convencional, sob um agir aproximado por autoridade ou voltado para o interesse egocêntrico, evolui para um agir orientado por normas através do desenvolvimento de identidades de papéis. Este agir evolui para uma orientação de entendimento mútuo, já universalizado pela livre argumentação caracterizada pelo ato do discurso.

Este modelo de desenvolvimento da identidade do Eu "compreende as estruturas do agir comunicativo no qual o ser humano e a sociedade adentram e progressivamente vão desenvolvendo a 'autonomia' e a 'competência interativa';" (Habermas, 1983, p.70).

Sob esta concepção de identidade e sob esta lógica do desenvolvimento, entendo que a educação, bem como as outras agências institucionais de nossa sociedade têm papel fundamental na construção de identidades sociais mais emancipadas, mais críticas. Pois se a evolução moral, tanto do indivíduo quanto da sociedade, se dá por meio de uma vivência comunicativa mais evoluída, livre de dogmas e coesões e, se puderem existir ambientes educacionais que possibilitem um ambiente o mais próximo possível desta vivência, a evolução moral do indivíduo e sociedade poderiam gradativamente se libertar desse mundo massificado e alingüístico do qual fazemos parte.

Segundo Habermas (1983, p. 54 e72):

"No medium constituído por comunicações formadoras de normas e valores, e penetradas por experiências estéticas, os conteúdos culturais herdados não são mais simplesmente os marcos com os quais modelam os carecimentos; ao contrário, em tal medium, os carecimentos podem buscar e encontrar as suas adequadas interpretações. Decerto, este fluxo comunicativo exige sensibilidade, capacidade de libertar-se dos limites, das dependências"(...)A identidade do Eu indica a competência de um sujeito capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências de consistência (...) a identidade é gerada pela socialização (...) e vai se processando à medida em que o sujeito - apropriando-se de seus universos simbólicos - integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social"

Integrada no social, a identidade do Eu desenvolve-se segura de suas ações por ser norteadas por princípios morais que envolvem,

não só decisões individuais, mas que estão envolvidas num todo comunitário. Assim, a acuidade de um agir comunicativo torna-se essencial e a capacidade argumentativa de cada membro tem a oportunidade de desenvolver-se plenamente.

Ao tratar de desenvolvimento cognitivo e moral ligados à teoria da comunicação, Habermas diz que a finalidade do indivíduo é emancipar-se, ao falar da liberdade para discutir e transformar seu mundo social. Tal desenvolvimento está ligado à evolução complexa da competência interativa, em que o homem, como identidade do Eu, transcende os conflitos de ação para estruturação sadia de consciência moral. Assim desenvolvida, esta será mobilizadora de ações sociais, motivadas por uma profunda liberdade e comprometimento ético interno.

“A identidade do Eu significa uma liberdade que (...) põe limites a si mesma” (Habermas, 1983, p.72).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREITAG, B. 1990. *A teoria crítica ontem e hoje*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- HABERMAS, J. 1983. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense.
- HABERMAS, J. 1989. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HABERMAS, J. 1990. *O discurso filosófico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ROUATET, S. P. 1987. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das letras.
- SIEBENEICHLER, F. B. 1989. *Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.